

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.

CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

JAQUELINE FABLÍCIO MORAES TAVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO/2017

JAQUELINE FABLÍCIO MORAES TAVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestra Marilene Dantas Vigolvinho

CAMPINA GRANDE-PB

NOVEMBRO/2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

T232c Taveira, Jaqueline Fablicio Moraes.

A contribuição do lúdico na formação de leitores
[manuscrito] : / Jaqueline Fablicio Moraes Taveira. - 2017
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em
Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade
Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Marilene Dantas Vigolvinho, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Leitura. 2. Lúdico. 3. Formação do Professor.

21. ed. CDD 372.4

JAQUELINE FABLÍCIO MORAES TAVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Aprovada em 18/11/2017

NOTA 10,0

Marlene Dantas Vigolvinio

PROF^ª. MA.. MARILENE DANTAS VIGOLVINO - UEPB

Orientadora

Elvira Bezerra Pessoa

PROF^ª. MA. ELVIRA BEZERRA PESSOA / UEPB

Examinadora

Rosicleide Henrique da Silva

PROF^ª. MA. ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

Examinadora Externa

A Deus, o Senhor da minha vida. A Ti toda honra e glória.

Aos amores da minha vida: meu esposo Lauro e meus filhos Mariana e Lauro Neto, vocês são a razão do meu viver, são minha fonte de inspiração. Com vocês o meu mundo fica mais bonito e suave, amo vocês incondicionalmente...

Dedico este estudo!

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo sopro da vida, pela sabedoria, pelas vitórias, por seu amor infinito... Ele que é fiel e sempre será, sem a sua inspiração não seria possível à realização e conclusão desse trabalho, obrigada Senhor,

À Universidade Estadual da Paraíba, instituição que tenho grande apreço e carinho, bem como aos seus mestres a minha reverência,

Aos meus pais Severino e Maria, meu esposo Lauro, meus filhos Mariana e Lauro Neto, minha sogra Analice, também aos meus familiares, obrigada pelo carinho e força, amo vocês! Essa conquista não seria possível sem o vosso apoio,

Aos meus queridos amigos da universidade, Rafael Alexandre Barbosa, Francisco Helder Linhares, Ercília Maria D. Vidal, Adélia Dantas, Ana Cleide Santos, Rosiane Araújo Barbosa, Marinalva Gomes e todos que trilharam esse caminho junto a mim. Juntos conseguimos vencer esta etapa, nos apoiando e torcendo uns pelos outros,

À minha orientadora Marilene Dantas Vigolvino, que muito contribuiu para a realização deste trabalho e por tantas outras conquistas,

A nossa querida coordenadora de curso Silvânia Karla, muito obrigada por sua dedicação e respeito,

A Secretaria Municipal de Educação do município de Fagundes que oportunizou e acreditou no meu potencial.

“Ler significa reler e compreender. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê é necessário saber como são seus olhos e qual a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive que experiência tem em que trabalha que desejos alimenta como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação”.

Leonardo Boff

SUMÁRIO

RESUMO	08
1- INTRODUÇÃO.....	10
2- REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E O LÚDICO NA ESCOLA.....	12
2.1- O papel da escola na formação do leitor de ontem e de hoje	12
2.2- O lúdico e a sala de leitura.....	20
2.3-O ato de brincar e a leitura	22
2.4- A formação do professor e o seu papel na atualidade.....	23
3- CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS	26
ANEXOS.....	30

A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

TAVEIRA, Jaqueline Fablício Moraes¹

RESUMO

O presente artigo intitulado *A contribuição do lúdico na formação de leitores*, surge a partir de uma grande inquietação enquanto estudante e profissional da educação ao verificar as quantas andam a leitura na escola e como esta é introduzida nas atividades desenvolvidas na sala de aula. Partindo desse pressuposto, foi possível visualizar a importância e o fundamental papel do professor como mediador no processo de ensino aprendizagem ao despertar o interesse nas crianças no ato de ler e escrever com qualidade. Propiciar momentos prazerosos para os alunos ao introduzir brincadeiras durante a leitura facilita e insita o desejo de sonhar e se embrenhar cada vez mais no mundo literário. Essa possibilidade vislumbrou garantir o enriquecimento do processo educacional e valorizar a constituição de sujeitos críticos e reflexivos. Em busca da consecução desses objetivos fizemos uma pesquisa bibliográfica, cujo referencial teórico fundamentou-se no pensamento de teóricos como Almeida (2003), Silva (2009), Soares (2004), entre outros, cujo estudo permitiu uma elaboração de forma sistemática acerca do tema em estudo. Teceremos assim algumas contribuições diante das práticas no lócus da pesquisa. Esses parecem ser elementos significativos para que expussemos como se deu o processo que antecedeu a escolha do tema desse artigo. A princípio partimos de uma breve apresentação do que é ler; qual é o papel da escola na formação do leitor; reflexão sobre a importância da brincadeira e a sua relação com sala de leitura; o papel do professor e sua influência na perspectiva de formar leitores ou leitores. Faz-se ainda necessário que o professor apresente competência para utilizar modelos metodológicos que tenham como base o bom planejamento e um referencial teórico. Ou seja, não pode faltar uma boa formação profissional.

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba

e-mail: jaquelinefablício@yahoo.com.br

Palavras-chave: Escola. Leitura. Lúdico. Formação do Professor

THE CONTRIBUTION OF THE PLAYFUL IN THE FORMATION OF READERS

ABSTRACT

The present article entitled The contribution of the playful in the formation of readers, arises from a great restlessness as student and professional of the education when verifying how much they are reading in the school and how this one is introduced in the activities developed in the classroom. Based on this assumption, it was possible to visualize the importance and the fundamental role of the teacher as mediator in the process of teaching learning by arousing the interest in the children in the act of reading and writing with quality. Providing pleasant moments for the students when introducing jokes during the reading facilitates and insists the desire to dream and get more and more involved in the literary world. This possibility envisaged guaranteeing the enrichment of the educational process and valuing the constitution of critical and reflexive subjects. In order to achieve these objectives, we did a bibliographical research, whose theoretical reference was based on the thought of theorists as Almeida (2003), Silva (2009), Soares (2004), among others, whose study allowed a systematic elaboration on the subject. We will thus make some contributions to the practices in the locus of research. These seem to be significant elements for us to express how the process that preceded the choice of the theme of that article occurred. At first we start from a brief presentation of what it is to read; what is the role of the school in the formation of the reader; reflection on the importance of play and its relationship with reading room; the role of the teacher and his influence in the perspective of forming lecturers or readers. It is also necessary for the teacher to be able to use methodological models based on good planning and a theoretical framework. That is, you can not miss a good professional training.

Keywords: School. Reading. Playful. Teacher Training

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XVIII, o Brasil foi marcado por disparidades sociais, econômicas e políticas, muito acentuados entre o chamado Velho e o Novo Mundo. A educação sempre foi tratada pela aristocracia agrária como algo sem valor ou importância para as classes subalternas. A preocupação era produzir cada vez mais para exportar. Por isso, era preciso fortalecer a metrópole e trazê-la de volta ao topo, à educação seria o caminho, mas apesar dos esforços do marquês de Pombal, este não conseguiu tal feito. Mesmo diante das dificuldades na área da educação percebe-se que os anseios de melhorias não foram eliminados por completo, isso devido às tradições educacionais jesuítas implantadas no Brasil.

Com a fragmentação da classe dominante (de um lado os aristocratas agrários e do outro os burgueses mineradores e comerciantes) deu-se início a uma nova realidade referente à educação, já que os jesuítas tinham um forte trabalho direcionado ao setor, isso se reflete até os dias atuais. As lacunas entre letrados e analfabetos do nosso país estão expostas em todos os setores da sociedade, pois, de um lado, tem-se uma classe dominante que detém os melhores recursos para a sua qualificação profissional e/ou intelectual, do outro, uma classe dominada que se utiliza de mecanismos menos favoráveis para o mesmo fim.

Então, o quê e como fazer para que essa classe desfavorecida economicamente tenha acesso a uma formação cidadã no tocante a leitura e a escrita? Como estimular nessa clientela o gosto pela leitura e, ao mesmo tempo permitir que sintam o prazer que ela nos proporciona? Dessas indagações surge esse artigo que tem como objetivo principal refletir sobre o desenvolvimento do prazer pela leitura através das brincadeiras, bem como procurar entender os mecanismos de formação profissional ofertado aos professores para estes possam contribuir de forma significativa com a formação de leitores, não apenas de ledores. Traremos para o centro da discussão a contribuição do brincar no processo de aquisição da leitura e escrita de crianças do ensino fundamental I.

A escolha do tema em estudo resultou da vivência dos estágios supervisionados etapas exigidas no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba. Estes foram realizados em instituições públicas municipais e estaduais da cidade de Fagundes: Estágio I, na área de gestão educacional (EEEF Frei Alberto),

estágio II, na educação infantil (Creche Municipal Joao Francisco de Macedo) e estágio III, no ensino fundamental I (Escola Municipal Cassimiro Francisco Vieira). Este último foi o ponto de partida para a construção desse artigo, já que identificamos inúmeras dificuldades no processo ensino aprendizagem dos alunos.

No decorrer do processo, partindo do pressuposto de que a apropriação da leitura e escrita deve estar associada a situações significativas e que possibilitem contribuir para a formação de leitores críticos surgiram algumas indagações sobre a importância da leitura nas salas de aula, já que ela pode e deve ser utilizada não somente como um recurso para ensinar os conteúdos curriculares que estão sendo ministrados ou para resolver problemas específicos de comportamento pessoal e social, mas fundamentalmente como estratégia para trabalhar a aprendizagem dos alunos, no tocante à leitura e escrita.

A experiência vivenciada por meio do projeto “*A leitura e a escrita no embalo da ludicidade*” objetivou investigar se a introdução de atividades lúdicas contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura no ensino fundamental I. Dito de outra forma se a ludicidade como mecanismo de apoio no desenvolvimento da linguagem oral e escrita possibilitaria a ampliação do repertório textual dos educandos da turma do 4º ano. Ou seja, quais foram os avanços nas linguagens orais e escritas, através das brincadeiras aplicadas nas atividades de sala.

A pesquisa bibliográfica buscou referencial teórico no pensamento de autores como Almeida (2003), Silva (2009), Soares (2004), dentre outros, cujo estudo permitiu uma elaboração sistemática acerca do tema em estudo.

O texto está estruturado de início com uma apresentação da leitura enquanto prática social e qual o papel da escola na formação do leitor; depois, uma reflexão sobre a importância da brincadeira e a sua relação com a sala de leitura; por último uma visão sobre o papel do professor e sua influência na formação de leitores ou ledores. Dessa forma, teceremos algumas considerações diante dos resultados alcançados e refletindo quais os reais embargos que dificultam cada vez mais a formação de novos leitores e apresentaremos os resultados do estudo vivenciado na sala de aula.

2. REFLEXÕES SOBRE O LÚDICO E A LEITURA NA ESCOLA

2.1 O papel da escola na formação do leitor de ontem e de hoje

Para adentrarmos na temática sobre a importância da leitura na formação de cidadãos críticos, devemos procurar entender alguns fatos que estão intrinsecamente ligados a nossa formação educacional, a exemplo das altas taxas de analfabetismo, que constitui um problema grave e longínquo na nossa história. Assim, em sua interessante obra *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*, escrita em 1889, Almeida (2000) comenta o fato de que no Brasil Colônia “havia um grande número de negociantes ricos que não sabiam ler” (p. 37), ou seja, admitia-se no Brasil Império direito eleitoral a um analfabeto desde que ele fosse detentor de “posses”.

Além disso, não é de hoje que os professores são mal remunerados no Brasil, essa história vem de anos. Sendo assim, não seria possível a contratação de pessoal qualificado o que levava ao “afastamento natural das pessoas inteligentes de uma função mal remunerada e que não encontra na opinião pública a consideração a que tem direito” (idem, p. 65). O autor mostra que, em 1886, enquanto o percentual da população escolarizada no Brasil era de apenas 1,8%, na Argentina este índice era de 6%. Fatos como esse ajudam talvez a entender por que, em 2000, enquanto a Argentina ocupava o 34º lugar no ranking de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o Brasil ocupava a 73ª posição, em situação bem inferior à de outros países da América Latina.

No último século, o número de analfabetos caiu no país. A esse feito, associam-se dois fatos importantes: em primeiro lugar observa-se que a taxa de analfabetismo na população de 15 anos ou mais caiu ininterruptamente ao longo do século passado, saindo de um patamar de 65,3% em 1900 para chegar a 13,6% em 2000. Contudo, como já alertava Anísio Teixeira (1971), em trabalho de 1953, não basta à queda da taxa de analfabetismo, é fundamental também a sua redução em números absolutos.

Trazendo essa discussão para a atualidade partiremos para outros marcos regulatórios da educação brasileira, que foram fixados a partir das leis orgânicas implantadas, entre elas, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, sob o número 4.024 promulgada em 1961 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, lei número 9.394 promulgada em dezembro de 1996, a qual regulamenta o sistema

educacional público ou privado do Brasil (da educação básica ao ensino superior). Historicamente essa é a segunda vez que a educação conta com uma Lei de Diretrizes e Bases, que regulamenta todos os seus níveis. É oportuno lembrar que hoje, em virtude do golpe institucional implantado no Brasil em 2015 essa lei está passando por um processo de mudanças.

A LDB 9.394/96 reafirma o direito à educação, garantido pela Constituição Federal, ao estabelecer os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios. A referida lei divide a educação básica em dois níveis: a educação básica e o ensino superior. A primeira é composta pela educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. A educação infantil envolve a creche (de 0 a 3 anos) e pré-escolas (de 4 e 5 anos), gratuita mas não obrigatória e de competência dos município. O ensino fundamental compreende os anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e anos finais (do 6º ao 9º ano), também obrigatório e gratuito, estabelece que, gradativamente, os municípios serão os responsáveis por todo o ensino fundamental. Na prática os municípios estão atendendo aos anos iniciais e os Estados os anos finais. O ensino médio (antigo 2º grau) do 1º ao 3º ano é de responsabilidade dos Estados, pode ser técnico profissionalizante, ou não. Com relação ao ensino superior é de competência da União, pode ser oferecido por Estados e Municípios, desde que estes já tenham atendido os níveis pelos quais são responsáveis em sua totalidade. Cabe a União autorizar e fiscalizar as instituições privadas de ensino superior.

A educação brasileira conta ainda com algumas modalidades de educação, que perpassam todos os níveis da educação nacional. São elas:

- Educação especial – Atende aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;
- Educação à distância – Atende aos estudantes em tempos e espaços diversos, com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação;
- Educação Profissional e Tecnológica – Visa preparar os estudantes a exercerem atividades produtivas, atualizar e aperfeiçoar conhecimentos tecnológicos e científicos;
- Educação de Jovens e Adultos – Atende as pessoas que não tiveram acesso a educação na idade apropriada;

- Educação Indígena – Atende as comunidades indígenas, de forma a respeitar a cultura e língua materna de cada tribo.

Além dessas determinações, a LDB 9.394/96 aborda temas como os recursos financeiros e a formação dos profissionais da educação.

Após este breve passeio na história da educação brasileira, cujo intuito foi contextualizar o ensino fundamental e a importância da leitura nos anos iniciais, objeto do nosso estágio e campo de atuação, iremos apresentar algumas considerações oriundas da prática pedagógica no campo de estágio.

Durante o processo de observação pudemos perceber que os alunos vivem em um mundo de coisas escritas, por isso, é preciso que o profissional tenha a percepção de fazer esta leitura de mundo junto com o aluno, pois o que ele busca na escola são as respostas para os códigos de tudo aquilo que ele já tem como conhecimento prévio. A esse respeito, Carvalho (2007), afirma que:

A escola pode contribuir de muitas maneiras para formar indivíduos não apenas alfabetizados, mas também letrados. Desde a alfabetização, deve apresentar uma ampla variedade de textos e favorecer um mergulho no mundo da escrita, com a exploração de mil e uma utilidades (p 14-15).

Nessa perspectiva, precisamos entender que a inclusão de diversas formas textuais possibilita o achego destes alunos ao mundo da leitura, assim, porque não introduzir atividades lúdicas cotidianas a esse público, com intento de aproximá-los ao maravilhoso mundo da leitura?

O lúdico é essencial ao mundo infantil e se perpetua por toda a vida do ser humano. Dessa forma, o faz de conta e a realidade se correlacionam, pois os jogos e as brincadeiras fazem parte do mundo infanto-juvenil, tanto quanto a realidade, a atividade lúdica funciona como elo integrador dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Naturalmente a criança possui o impulso de brincar. Quando esta vontade é interligada com a aprendizagem, o estudo se torna prazeroso e é realizado de forma intensa e abrangente, afirma Malaquias (2013). Não há tempo ou idade certa para que possamos desenvolver nossas atividades lúdicas, embora muitos pensem que este ato se pauta apenas no ato de brincar por brincar. Segundo Luckesi (2000) são o lúdico propicia uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis.

Sobre a origem da palavra “lúdico”, Almeida (2003), nos informa que ela deriva do latim “*ludus*” que significa jogo. Assim, de acordo com seu significado, refere-se ao ato de brincar, ao movimento espontâneo. Hoje, o conceito de lúdico extrapola o simples brincar, sendo concebido como necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente.

As atividades lúdicas são aquelas que integram a ação, o pensamento e o sentimento. Pode ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que possibilite a instauração de um dinamismo integrador do grupo ou de sensibilização. A escola tradicional dá importância apenas à transmissão de conteúdo, com isso, deixa o aspecto lúdico de lado durante a prática pedagógica, embora alguns educadores discutam sobre essas atividades, não as inserem em sala de aula.

O fato dos professores já discutirem sobre o lúdico na escola, demonstra certo interesse em aderir a proposta da sua inserção como auxílio pedagógico, no entanto, essa transformação é complexa, pois exige preparação dos mesmos no início da formação acadêmica, o que por vezes não acontece.

A sala de aula deve ser um local que estimula os alunos a participarem e desenvolverem suas aptidões através da ludicidade. Segundo Soares (2004, p.22) “é relevante compreender que é importante ir muito além do domínio do código escrito”. Nosso desafio se constitui em “alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita”.

A afirmação de que se faz necessário “ir muito além do código escrito”, fica evidente que o processo de ensino-aprendizagem não pode ser construído separadamente do lúdico, uma vez que é no ambiente lúdico que a aprendizagem se concretiza. O brincar pedagogicamente deve estar incluído no dia a dia das crianças, pois, através dele, as capacidades cognitivas, motora, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal, de inserção social e a aprendizagem específica da alfabetização se desenvolvem. É preciso entender que esse brincar não tem relação com o brincar por brincar e sim na perspectiva pedagógica de alfabetizar e letrar, com efeito, as práticas lúdicas devem estar presentes no cotidiano do aprendiz tornando o processo de alfabetização e letramento algo prazeroso e estimulante.

Durante a experiência vivenciada na Escola Municipal Cassimiro Francisco Vieira, localizada no Sítio Mãe Joana, Zona Rural do município de Fagundes, Paraíba,

partimos de alguns fatores tidos como princípios democráticos e norteadores, dentre os quais se destacam a participação, a autonomia, a transparência e o pluralismo. Nesse sentido, abriu-se um espaço para o envolvimento e o diálogo com a comunidade escolar para discussão e troca de ideias, de modo que as ações educativas foram centradas nas reais necessidades da comunidade e em um ensino de qualidade.

Isto porque a leitura para se tornar uma prática social deve ser inserida nas atividades cotidianas de sala de aula, uma vez que a escola é o ambiente mais propício, pois é lá que a maioria dos educandos tem maior contato com os livros e seus encantamentos. Essa prática só será possível se o profissional apresentar habilidades e intimidade com o mundo da leitura, ele deve ser o incentivador maior para que as crianças sintam o desejo de ler e viver os seus encantamentos. Outra forma de inserção da leitura no mundo das crianças se dá, muitas vezes, pela arte de brincar em virtude de sua riqueza cultural, social e pedagógica.

Ao longo dos anos, a educação vem se preocupando em contribuir na formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, por isso a escola busca cada dia mais desenvolver, na criança, as competências da leitura e da escrita, através da utilização de literaturas infantis (desde a educação infantil até as primeiras séries do ensino fundamental) para poder desenvolver esse processo de leitura e escrita de forma mais positiva.

No século XVIII, os adultos que viviam em classes sociais mais elevadas orientavam seus filhos a lerem os grandes clássicos da literatura, por outro lado, crianças de classes mais populares não tinham acesso a livro algum. Hoje essa realidade não é diferente, alcançamos avanços com as novas diretrizes educacionais, através da promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei número 9.394/96, que estabelece novas diretrizes e bases para a educação nacional, mas segundo Zilberman (1985, p.11):

As afinidades entre escola e leitura se mostram a partir da circunstância de que é por intermédio da ação da primeira que o individuo se habilita na segunda. [...] Estas relações, por sua vez, não são mecânicas, como se a escola fosse a causa, e a leitura a consequência. Tratando-se de fenômenos afins, mesclam-se de tal maneira, que se torna impraticável, e até estéril tentar discernir as suas respectivas fronteiras. Além disso, escola e leitura, passaram por um incremento simultâneo, a partir de um certo momento da historia do Ocidente, reforçando a parceria entre elas. E, enfim a crise de leitura tem sido interpretada como uma crise da escola.

A leitura e a escola apresentam relações indissolúveis e remotas, segundo a autora, a crise da leitura vivida nos dias de hoje e porque não dizer sempre, só poderá ser combatida quando delimitarmos o papel da escola na perspectiva de redimensionar as dificuldades no ato de ler e este por sua vez ser incentivado na primeira infância, onde a escola aparece como incentivador primeiro. Introduzir a leitura na sala de aula significa resgatar a função primeira da escola com o objetivo de recuperar o contato do aluno com a obra, afirma ZILBERMAN (1985).

Em várias literaturas destinadas ao público adulto à escola sempre foi representada como um lugar de muita rigidez. Em o “Ateneu” de Raul Pompeia, por exemplo, a escola é um lugar sombrio e amargo na qual o protagonista Sérgio vivencia momentos de repressão, autoritarismo, opressão, rigidez e hierarquias. O mundo da escola se contrapõe ao mundo exterior e que para adentrar nesse mundo é preciso ter coragem. Mas o que se aprendia nesse mundo tão opressivo? Segundo Machado de Assis no romance “Conto de escola,” se aprendia vagamente contas, gramática e leitura. Estímulos ou prêmios não faziam parte desse mundo e, pelo contrário, havia castigos e punições para os faltosos ou incompetentes. O professor era descrito como severo, com uma percepção racional da realidade. Nada de encantamentos, o ato de aprender em nada ajudava no desenvolvimento do lado emocional.

Nas obras de Monteiro Lobato isso se diferencia: não encontramos esses ambientes escolares repressores como os que acabamos de relatar, pois Lobato não confiava na eficácia total da escola pelas lacunas em aberto tão visíveis no ensino formal. As aventuras são vividas fora do contexto escolar, na qual a aprendizagem ocorre no sítio durante as férias escolares em ambiente informal e sem rigidez de horários. Entretanto, isso não quer dizer que a disciplina e a formalidade são elementos apenas de repressão, eles são muito importantes, mas ao mesmo tempo ele quis mostrar que é possível aprender fora da escola através das brincadeiras e das vivências sociais, se contrapondo a concepção de que a aprendizagem deve estar

estritamente ligada à escola para o crescimento motor, intelectual e emocional. As obras de Monteiro Lobato fazem com que seja perceptível o estímulo à realidade, a racionalidade e a intuição.

A escola é um ambiente que deve se constituir como espaço de aprendizagem completa, onde se estuda conteúdo, se faz memória da cultura e se cultua valores humanísticos, ou seja, é nesse ambiente que se formam cidadãos de verdade. Ela passa a abrir espaço para as novas metodologias e não está apenas preocupada em passar estímulos racionais da realidade. A leitura, a produção textual e outras possibilidades que a escola pode promover ao aluno exercem um papel importante no desenvolvimento da criatividade e sua relação harmoniosa entre ciência e arte, razão e intuição.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2002, p. 15) afirma que: “formar é muito mais que puramente treinar o educando” A autonomia deve ser entendida a partir do saber do educando valorizando e respeitando o seu conhecimento prévio, sua curiosidade, inquietude e linguagem, visto ser o aluno um sujeito social e histórico em construção, desta forma, a arte de ensinar passa a ser uma preparação do caminho para a total autonomia de quem aprende, com a finalidade de formar cidadãos conscientes e críticos, além de apresentar propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação.

Sendo a escola concebida como o local mais real e concreto para a promoção da leitura de alunos com tantas divergências socioeconômicas, podemos afirmar que a leitura e a escrita não devem ser atividades secundárias, que não ocupem apenas o tempo que sobrou no finalzinho da aula. Leitura e escrita devem ser planejados como atividades cotidianas, não só entre alunos, mas entre professores. As atividades de leitura desenvolvidas na escola devem perpassar as salas de aulas devem ser entendidas como uma prática social fundamental para se entender o mundo.

A leitura no espaço escolar deve ser pensada e de forma compartilhada, já que pensamos em professores leitores que formam leitores. O livro “O menino que aprendeu a ver”, de Ruth Rocha, traz a história de um menino chamado Joãozinho que, aos poucos, começou a reconhecer o mundo (nos outdoors, nas placas de rua, nos jornais) através das letras que a professora ensinava na escola, ou seja, ela relacionou a leitura da escola com a leitura do mundo, conseqüentemente, ele começa a brincar com as letras e depois com as palavras. Dessa forma, ele aprende a ver

através de outra visão que se dá com a descoberta das palavras. Essa relação deve ser sempre estimulada, e na fase da leitura, mais ainda para que não caiamos nos velhos erros de formar meros ledores e não leitores.

Nesse sentido, Sorrenti (2009), apresenta a seguinte indagação

Do mesmo modo que a narrativa, a poesia para a criança se viu e se vê ligada a escola. Destina-se, geralmente, à escola a tarefa de criar no aluno o gosto pela poesia. No entanto, ela pode ser por vezes, responsável pelo *desgosto* pela poesia? (SORRENTI, 2009, p.17).

Podemos pensar de forma mais reflexiva os porquês de tanto ‘desgosto’ pela leitura, pela literatura ou por tudo que está ligado ao ambiente escolar. Percebemos que as crianças não sentem desejo pela leitura, já que foram motivados a velhas práticas de escolarização que sufocam a criatividade das crianças tornando-as enfraquecidas ou pouco estimuladas.

Sorrenti (2009) afirma que “a escola se põe a ensinar a medir as sílabas, quantifica-las, grifar substantivos nos poemas, circular verbos, a encontrar os dígrafos, e por aí vai”, isso é uma verdade vivida no cotidiano escolar, já que precisamos cumprir metas e conteúdos. Ela ainda cita na introdução do livro “*Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil*”, a seguinte fala de Magda Soares:

O processo de escolarização é inevitável, por ser da essência da escola a instituição dos saberes escolares, mas defendendo a possibilidade de descoberta de uma escolarização adequada da literatura: “aquela que não desvirtuasse, que propiciasse ao leitor a vivência do literário, e não uma distorção ou uma caricatura dele[...]”, explica Soares (SORRENTI, 2009, p. 18).

Sendo então a escola o local das regras e cumprimento das mesmas, faz-se necessário que esta possibilite aos seus profissionais segurança quanto ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, desta forma, a leitura deve ser a incentivadora de práticas prazerosas e participativas principalmente, onde quem lê sinta desejo de mudar, recriar e ampliar o que está implícito ou explícito no texto. É aproximar o aluno a textos de qualidade, é aproximar ou tornar os seus profissionais como os grandes “iluminadores do encontro texto-leitor”.

2.2 O lúdico e a sala de leitura

A leitura e a escrita devem ser atividades primordiais e cotidianas na sala de aula, mas o que percebemos hoje é que nós professores devemos cumprir rigorosamente os conteúdos predeterminados nos currículos, quando sobra um tempinho partimos para as atividades de leitura. Vieira (2006, p.23) explicita que “leitura e escrita precisam ser planejadas como atividades cotidianas, não só entre alunos, mas também entre nós professores e professoras.” Qual será então o caminho mais eficaz na promoção de leitura de qualidade na escola? A própria autora sugere que seja a “organização e uso da biblioteca escolar e da sala de leitura”. Ela acrescenta que “a biblioteca escolar propicia ao aluno o livre acesso aos livros de todas as formas, tamanhos e cores”, assim, é nesse ambiente que a escola deve criar alternativas fecundas de estímulo e promoção da leitura na escola. Como afirma Vieira,

Biblioteca é por excelência o lugar de acesso a livros, coleções, periódicos, jornais, gibis. Enfim, aos mais variados tipos e alternativas de materiais impressos. Além disso, espaço com lápis e papel, para que um leitor inspirado tenha chance de fazer seus registros, copiar um poema que o fascinou, um título de romance para recordar a um amigo, ou simplesmente para escrever algo de seu interesse (VIEIRA, 2006, p. 8).

Ela define o espaço da biblioteca como sendo um lugar onde o aluno pode ter acesso a vários tipos de livros de todos os tamanhos, cores e formas, bem como pode manter contato com o lápis e o papel desenvolvendo assim a escrita. Algumas outras contribuições da mesma para a formação de novos leitores:

- Apresentação oral de um texto lido na sala de aula é uma das maneiras mais simples de e ao mesmo tempo mais eficientes de despertar o gosto pela leitura.
- Desenvolver a apresentação oral de um texto onde o professor é o “contador de história” da classe. Ele pode fazer também em sua sala de aula a “hora do conto” (op. cit., 2006).
- Desenvolver momentos para ler com a classe, seja um conto, uma crônica, um poema, um livro inteiro com pouco texto e muitas ilustrações. Nesse caso o professor deve selecionar parágrafos ou trechos que ele perceba seja mais estimulante para seus alunos de maneira que consiga despertar a curiosidade para conhecer o final da história, ou ainda o professor

pode ser um capítulo a cada dia, fazendo suspense para o capítulo do dia seguinte.

- O uso do dicionário em sala de aula é outra estratégia aponta por Vieira (2006, p. 34) para desenvolver a leitura é a escrita na escola, ele pode ser usado no decorrer das atividades de leitura para ampliarmos nossos conhecimentos, sendo considerado um forte aliado no ensino-aprendizagem.
- Jogos e brincadeiras no processo ensino-aprendizagem No cotidiano da sala de aula, professores buscam formas de tornar o ensino mais eficaz e também mais estimulante. Uma das alternativas é aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem. (VIEIRA,2006, p.23)

Todas as metodologias acima expostas facilitam o interesse dos alunos ao gosto pela leitura, mas sabemos que nem sempre funciona já que uma sala de aula é composta por diversas situações de ensino aprendizagem.

O uso das atividades lúdicas na escola consegue auxiliar o professor na promoção de um aprendizado, no qual se integram o prazer e o aprender. Mas é preciso compreender que as atividades lúdicas só surtirão efeito se o professor as planejar bem, por isso, cabe aos professores dos anos iniciais desenvolverem procedimentos que facilitem a aquisição do ensino e aprendizagem, de modo que esse aluno consiga gostar de ler, tornando-se assim um leitor potencial.

As atividades lúdicas desenvolvidas na turma do 4º ano da E.M Cassimiro Francisco Vieira foram muito importantes para o bom desenvolvimento da aprendizagem, já que pudemos observar que no início do ano letivo 50% da turma apresentava imensa dificuldade em reconhecer as letras do alfabeto. No segundo semestre do ano letivo foi observado grandes avanços, já que aquelas crianças apresentaram maior apropriação do mundo letrado, através de atividades coordenadas com o uso de jogos, brincadeiras e artes, essa dificuldade caiu para 20%.

Inserir o lúdico nas atividades cotidianas da escola deve ter como objetivo principal a promoção de uma alfabetização significativa e do rendimento escolar. A ludicidade aplicada na aprendizagem, mediante jogos e situações lúdicas, não impede a reflexão sobre conceitos matemáticos, linguísticos ou científicos, por exemplo. De acordo com Freire (1997),

Compreender a atividade infantil capacita o professor a intervir para facilitar o desenvolvimento da criança. Isso contribuiria para reforçar a ideia de que

a escola, na primeira infância, deve considerar as estruturas corporais e intelectuais de que dispõem as crianças, utilizando o jogo simbólico e as demais atividades motoras próprias da criança nesse período (Freire, 1997, p. 44).

É importante observar que é no ato de brincar que as crianças são os principais organizadores de suas ações e interações sociais, conseguem assim criar diálogos que possibilitam a construção de regras de convivência social, logo, elas aprendem, interagem e sentem prazer pela leitura brincando.

2.3 O ato de brincar e a leitura.

A vivência na sala de aula nos dá respaldo para afirmar que os alunos vivem em um mundo de coisas escritas e para isso é preciso que o profissional tenha a percepção de fazer esta leitura de mundo junto com o aluno, pois o que ele busca na escola são as respostas para os códigos de tudo aquilo que ele já tem como conhecimento prévio.

Nessa perspectiva, precisamos entender que a inclusão de diversas formas textuais possibilita o achego destes alunos ao mundo da leitura. E porque não introduzir atividades lúdicas cotidianas a esse público afim de aproximá-los do maravilhoso mundo da leitura, uma vez que a atividade lúdica funciona como elo integrador dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Naturalmente a criança possui o impulso de brincar, quando esta vontade é interligada com a aprendizagem, o estudo se torna prazeroso e é realizado de forma intensa e abrangente, afirma Malaquias (2013). Nesse sentido Luckesi (2000) acredita que as brincadeiras são aquelas atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis.

Ao contrário do que concebem esses autores, a escola tradicional dá importância apenas à transmissão de conteúdo, deixa o aspecto lúdico de lado durante a prática pedagógica. Os educadores até discutem sobre as atividades lúdicas, mas não as praticam porque essa transformação é complexa, pois exige uma preparação do professor no início de sua formação, o que por muitas vezes não acontece.

As práticas lúdicas devem estar presentes no cotidiano do aprendiz, pois tornam o processo de alfabetização e letramento algo prazeroso e estimulante, através dessas atividades, os alunos se aproximam do mundo da leitura, são incentivados a estabelecerem e conhecerem regras.

Podemos compreender um pouco sobre o que é ludicidade, mas o que é leitura? Quem pode promovê-la? A leitura grosso modo é compreendida como ato de apreender o conteúdo de um texto escrito e que pode ser distinguida em pelo menos três modos: a leitura mecânica, a leitura de mundo e a leitura crítica. Vejamos cada uma:

- A leitura mecânica: consiste na habilidade de decifrar códigos, iniciamos na escola esse processo, que era até pouco tempo pensada como alfabetização, ou seja, transformar sinais pretos sobre a folha branca em sons constituidores de palavras;
- A leitura de mundo: denominada assim por Paulo Freire e se difere da leitura mecânica já que é um processo continuado, se inicia no berço e só se encerra no leito de morte, desse aprendizado ninguém é excluído;
- A leitura crítica: é a junção entre a leitura mecânica e a leitura de mundo, numa postura avaliativa e perspicaz, questionadora.

As várias formas de leituras vividas no espaço escolar e fora dele devem ser pensadas de forma coletiva e compartilhada, isso nos leva a questionar como se dá o ato de ler e em que circunstâncias ela acontece.

Partindo da realidade vivida na sala de aula é possível elencar algumas considerações que serviram de embasamento para a melhoria do desenvolvimento de ensino-aprendizagem dos alunos dentro de uma perspectiva lúdica da leitura: 1) A confecção de brinquedos produzidos pelos educandos a partir de materiais reciclados, o que ressignificou o contexto escolar e resultou na apresentação de diversas produções textuais realizadas pelos alunos; 2) Releitura de múltiplos tipos de literaturas (poemas, cordéis, cartas), assim, tais leitores apresentaram oralmente suas interpretações, ampliaram seu vocabulário com o conhecimento de novos termos linguísticos, desenvolveram diferentes linguagens para apresentar seus pontos de vista, bem como, sentiram prazer e valor na leitura lúdica. É possível visualizar nessa construção a leitura crítica já que os envolvidos no processo puderam expressar os seus sentimentos e ampliaram os seus conhecimentos.

A importância de práticas educativas criativas são fatores que motivam os alunos a desenvolverem suas competências linguísticas e motoras na escola. A implantação de projetos também favorece a aprendizagem significativa, uma vez que aponta caminhos para a interdisciplinaridade e favorece a emancipação intelectual a partir da prática de um currículo integralizado, tanto para o educador como para o educando.

2.4 A formação do professor e o seu papel na atualidade.

Nos anos 70 a escola se aproxima mais aos livros literários infantis por sua qualidade, são produzidas obras que despertam o interesse das crianças e jovens, através da cultura imagética e suas tecnologias, com efeito, a escola redescobre a literatura e as editoras descobriram as escolas. Mais adiante, na década de 80, a literatura infantil brasileira foi definitivamente incorporada aos currículos acadêmicos, à riqueza das produções tornou-se objeto de estudo nas academias dos cursos de Letras e Pedagogia (SILVA 2009).

Na percepção da autora, a academia entende que:

A existência de uma literatura infantil fortemente vinculada à escola pressupõe a sua leitura, envolvendo, pois, a sua recepção e as atividades de natureza pedagógica antecedente e conseqüente ao ato da leitura, é de se esperar que ela também integre o currículo dos cursos de Pedagogia. A ênfase a ser dada a essa disciplina nos cursos de Letras e nos de Pedagogia é que, segundo nos parece, deve ser distinta (p.13).

Para ela, ambos os cursos formam professores, mas a diferença está nas fases de atuação desses profissionais. O pedagogo prepara o educando nos primeiros saberes, da educação infantil até o ensino fundamental I, sua principal característica neste sentido será o despertar dos alunos para o mundo das letras e focar na leitura na perspectiva de seduzi-lo para o mundo da leitura para que assim se torne um “leitor” e não um “ledor”. Já o licenciado em Letras foca a leitura para os alunos do ensino fundamental II em diante, seu trabalho é mais rebuscado, as obras literárias são mais profundas, ou seja, se o aluno conseguiu construir uma identidade de leitura na fase

inicial conseqüentemente não encontrará obstáculos para aprofundar seu gosto pela leitura.

O profissional de pedagogia deve entender que o seu olhar de pesquisador pode ir além do livro ao introduzir a leitura desde cedo através das atividades pedagógicas, isso possibilitará a formação de novos leitores. A leitura passa ser de fato imprescindível no contexto educativo, de modo especial nos anos iniciais, pois ela assume um papel significativo no sucesso ou no fracasso escolar das crianças.

Essa afirmação pôde ser constatada nas atividades realizadas em sala de aula, foi perceptível que por estarem acostumados com modelos e técnicas mecânicas de aprendizagem, dentre elas o copista, desmotivador sem função alguma, os alunos não concebiam a leitura como parte da aula, como um momento durante o qual também se aprende, com isso, não demonstravam o menor interesse, porém, no decorrer do processo, através das atividades propostas, essa concepção foi modificada, permitindo avanços significativos.

3. CONCLUSÃO

Com base na literatura consultada juntamente com as experiências vivenciadas nos estágios de intervenção como aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB e também como professora da rede municipal de ensino foi possível perceber que o lúdico favoreceu o desenvolvimento da criança em vários aspectos, além de proporcionar o prazer pela leitura.

Ao introduzir a leitura em sala de aula por meio de atividades lúdicas e a realização de projetos, a escola minimizou o desestímulo, ocasionado por aulas nas quais os alunos não estavam sendo preparados para realizarem uma leitura de mundo e se posicionarem em situações contraditórias. É preciso salientar, porém, que a escola não é a única culpada desse desestímulo, pois, fatores socioculturais herdados por nossa população, que na sua maioria, não tem acesso ao ensino de qualidade e muito menos acesso a cultura também interferem nesse processo.

Mesmo assim, foi possível vislumbrar a possibilidade de formação de leitores, que através da leitura e participação ativa na realização dos projetos propostos durante o período estágio de observação e docência, demonstraram que é necessário haver mudança da prática pedagógica no sentido do incentivo a leitura por parte do

professor, que deve ser o mediador entre a leitura do mundo e a decodificação do código linguístico, precisa permitir que seus alunos se expressem, expondo suas ideias e pensamentos, pois estes estão inseridos em uma sociedade altamente letrada, agora mais do que nunca, e esse mundo letrado, que já faz parte do cotidiano do aluno, tem que fazer parte do currículo trabalhado em sala de aula.

Percebi, ao longo da elaboração deste estudo, que a educação desde seus primórdios não aborda a leitura como algo prazeroso porque considera relevante apenas a grade curricular a ser seguida, que nem sempre, condiz com a necessidade do educando, isso contribui para o fracasso na formação de leitores em potencial, sem contar que ainda temos uma formação docente fragmentada e frágil que, na maioria das vezes, não incentiva o próprio professor a ser um leitor em potencial.

Contudo, o ato de ensinar é algo que deve ser incentivador e prazeroso. A vivência na sala de aula forneceu vários elementos que afirmam não ser preciso muito para apreender a atenção dos alunos, a exemplo de ações como ler para as crianças; propor atividades que façam com que elas pensem sobre o que fazem e não apenas reproduzam leituras respondendo a questionários e exercícios; o incentivo a leitura deleite, reprodução a partir das brincadeiras, o que se compreendeu com a leitura, entre outras ações.

Finalmente, ficou explícito que é preciso criar espaços mais prazerosos de leitura na escola, dessa forma o aluno a fará espontaneamente, sem a considerar como uma tarefa árdua e difícil de realizar. E a relação entre o lúdico e a leitura nos anos iniciais que impulsiona o desenvolvimento da criança na linguagem oral, escrita e corporal, bem como no cognitivo, desenvolve a imaginação, o emocional, a atenção, amplia o vocabulário e favorece a concentração entre outros

Para tanto, o professor necessita desenvolver técnicas, lançar mãos de materiais adequados para favorecer a ludicidade e a dramatização das histórias lidas, precisa valorizar o reconto como uma atividade prazerosa e constante em sala de aula a fim de que tanto o professor quanto o aluno possam alcançar seus objetivos de forma descontraída. Sem esquecer que o professor deve apresentar autonomia na escolha dos caminhos e das ações para se chegar às metas desejadas. A escola assume assim o compromisso social de desenvolver mecanismos que promovam a igualdade e equidade numa perspectiva de educação de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Instrução pública no Brasil (1500-1889)*. Trad. Antonio Chizzoti; ed. crítica Maria do Carmo Guedes. 2ªed. rev. São Paulo: EDUC, 2000.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Educação lúdica. Técnicas e jogos pedagógicos*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Loyola , 2003.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II

Brasil, Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental: *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, Volume 1*. Brasil: MEC/SEF 1998.

CARVALHO, Marlene, *Guia Prático do Alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Editora Civilização Brasileira,1972.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

KLISYS, A.; Fonseca, E. *Brincar e Ler para viver: um guia para estruturação de espaços educativos e incentivo ao lúdico e à leitura*. São Paulo: Instituto Hedging-Griffo, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Brincar o que e brincar? Educação e Ludicidade*, RD disciplinas GEPEL, acesso em 05 de junho de 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese*. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) *Ludopedagogia - Ensaio 1: Educação e Ludicidade*. Salvador: Gepel, 2000.

MALAQUIAS, Maiane Santos; RIBEIRO, Suely de Souza. *A importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento da infância*. Psicologado, 2013.

PALANGANA, I. C. (1994) – "Desenvolvimento & aprendizagem em Piaget e Vygotsky (a relevância do social)" – São Paulo: Plexus.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996 (Bom Livro).

ROCHA, Ruth. *O menino que aprendeu a ver; Ilustrações de Elizabeth Teixeira*. - 2ª edição - São Paulo: Quinteto Editorial, 1998. (Coleção hora dos sonhos)

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura. – 2. Ed. – ver. – Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. Caminhos e descaminhos, artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, pela Artmed Editora.

SORRENTI, Neusa. A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades. 2ª edição, Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

_____. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/series iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampliada. – Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2008.

VIEIRA, Adriana Silene et al. Organização e uso da Biblioteca Escolar e das salas de leitura. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Estadual de Campinas 2006.44 p. [Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 03].

VIEIRA, Luciene Batista; RODRIGUES, Elaine Aparecida Fernandes – O Ensino Lúdico Nos Anos Iniciais. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento, ANO 1. VOL. 10, P 136-153. Novembro de 2016. ISSN. 2448-0959

ZILBERMAN, Regina. Leitura em crise na escola: as alternativas do professo. 4ª edição . Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

Disponível em: www.sbu.unicamp.br/ser/ojs/index.php. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Acesso em: 10/05/2015.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao>, Acesso em 05 de junho de 2017.

Disponível em: <http://www.revistaescola.abril.com.br/edicões-impresas/197.shtm>(Nova Escola Edição 197, novembro 2006). Acesso em: 05/09/2017.

Disponível em: <http://www.portal.inep.gov.br/...analfabetismo...Brasil>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

Disponível em: <<http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>

ANEXOS



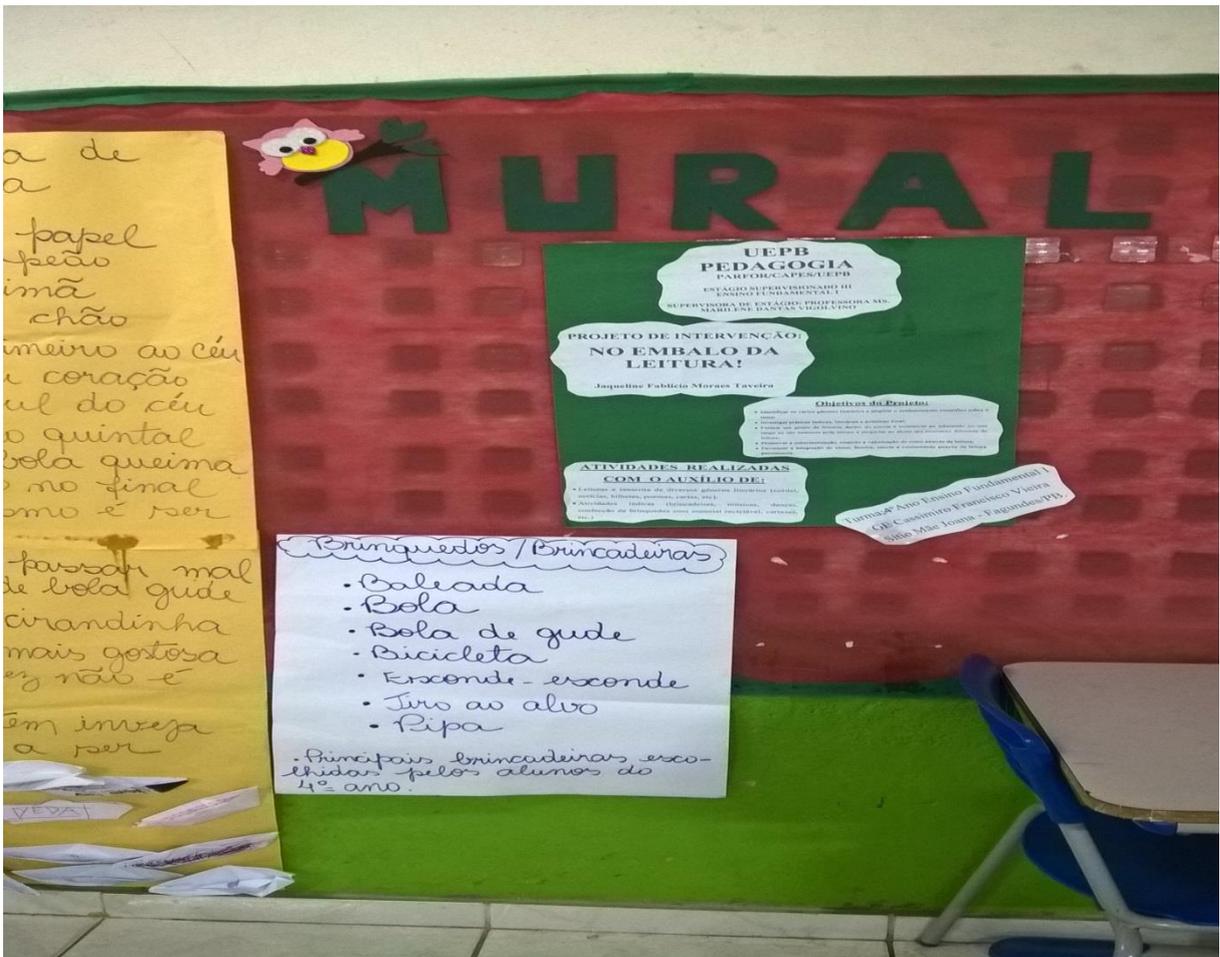
Construção do projeto de leitura e ludicidade com a turma do 4º ano



Primeiras atividades realizadas com os alunos do 4º ano, produções textuais e confecção de brinquedos com material reciclado.



Primeiras atividades realizadas com os alunos do 4º ano confecção de brinquedos com material reciclado.



Projeto de leitura e ludicidade com a turma do 4º ano

